



IV Mostra de Pesquisa  
da Pós-Graduação  
PUCRS

## O Cosmopolitismo estóico

Diego Carlos Zanella, Draiton Gonzaga de Souza (orientador)

*Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS,*

### Resumo

Cosmopolitismo é um conceito ocidental que representa a necessidade que agentes sociais têm de conceber uma entidade cultural e política, maior do que sua própria pátria, que engloba todos os seres humanos em escala global. O cosmopolitismo pressupõe uma atitude positiva em relação à diferença, um desejo para construir amplas alianças e comunidades globais iguais e pacíficas de cidadãos que deveriam ser capazes de comunicar-se além das fronteiras culturais e sociais formando uma solidariedade universalista. Boa parte da indisposição e da incompreensão que o cosmopolitismo pode provocar está relacionada à sua ambiguidade, isto é, seu modo único de unir diferença e igualdade, um aparente paradoxo que pretende conciliar os valores universais com uma diversidade de posições de sujeitos culturalmente e historicamente construídos.

Com o objetivo de compreender essa ambiguidade, propõem-se analisar duas formas de cosmopolitismo, a saber, uma negativa e uma positiva. Ambas as formas foram desenvolvidas em um dos períodos mais férteis para o desenvolvimento do conceito de cosmopolitismo: da expansão do Império de Alexandre Magno (356-323 a.C.) aos primeiros séculos do Império Romano (COULMAS, 1990). A versão negativa do cosmopolitismo foi apresentada por Diógenes o Cínico (412-323 a.C.), um seguidor de Antístenes (444-365 a.C.) que fora discípulo de Sócrates (469-399 a.C.). Essa versão afirmava que qualquer tipo de convenção social deveria ser rejeitado. Tal atitude era coerente com o modo de vida que os cínicos levavam. Uma maneira que pregava o desapego de toda e qualquer classe de bens materiais com o objetivo de viver segundo a natureza. Viver segundo a natureza não significa viver de acordo com o instinto ou as paixões, mas viver de acordo com a ordem racional que governa o mundo. Essas características do cosmopolitismo podem ser observadas na frase de

maior expressão dessa corrente de pensamento: “*Interrogatus cujas esset, Mundi civis, ait*” (LAERTII VI, 63). Traduzindo: “Interrogado sobre sua pátria, respondeu: ‘eu sou um cidadão do mundo’”. Essa declaração foi lida com ênfase pela posteridade como a primeira declaração sobre o princípio universal da tolerância, ou seja, a solidariedade para com o próximo em virtude da sua humanidade comum e fraternidade com todas as pessoas, independentemente do critério de pertença a uma comunidade específica. No entanto, é possível observar que para Diógenes o Cínico a alegação de ser ‘cidadão do mundo’ é simplesmente uma maneira de expressar o não se sentir constrangido por qualquer obrigação de Sínope, sua cidade natal. Ou então, uma reação contra qualquer tipo de coerção imposta pela sociedade sobre o indivíduo. Na verdade, o significado do cosmopolitismo de Diógenes e de seus seguidores cínicos é o de rejeitar qualquer tipo de filiação aos costumes locais em favor de uma filiação universal à razão humana (SCUCCIMARRA, 2006).

Em resposta a pergunta sobre a sua procedência, Diógenes responde a questão com o que parece ser um neologismo. Ser um cidadão (*πολίτης; civis*) é pertencer a uma cidade (*πόλις*), isto é, ser um membro de uma sociedade específica com todos os benefícios e compromissos que tal associação envolve. Diógenes por não fornecer a resposta esperada, a saber, de Sínope, sua cidade natal, renúncia ao seu dever para com os cidadãos de Sínope, assim como ao seu direito de ser ajudado por eles. Nesse contexto, também é importante notar que Diógenes não diz que é sem-cidade (*ἀ-πολις*); na verdade, ele afirma obediência e submissão ao universo (*κόσμος*). Desse modo, os cínicos moldaram a noção de cidadania em uma nova característica. Como tal, o cínico é liberado para viver de acordo com a natureza e não de acordo com as leis e convenções da cidade.

A versão positiva do cosmopolitismo foi desenvolvida pela versão romana do estoicismo. O estoicismo é uma doutrina filosófica que afirma que todo o universo é corpóreo e governado por uma razão (*λόγος*) divina. A alma está identificada com esse princípio divino, como parte de um todo ao qual pertence. Esse *logos* (ou razão universal) ordena todas as coisas: tudo surge a partir dele e de acordo com ele. Ao estarem todos os acontecimentos do mundo rigorosamente determinados e formar parte o homem do *logos* universal, a liberdade não pode consistir mais do que na aceitação do próprio destino, o qual reside fundamentalmente em viver de acordo com a natureza (LONG, 2008). O bem e a virtude consistem, portanto, em viver de acordo com a razão, evitando as paixões, que são desvios da própria natureza racional. A paixão é o contrário da razão, é algo que sucede e que não se

pode controlar, portanto, deve-se evitar. As reações como a dor, o prazer ou o temor podem e devem ser dominadas através do autocontrole exercido pela razão (LONG, 1986). O sábio ideal é aquele que vive conforme a razão, pois está livre das paixões e, além do mais, se considera cidadão do mundo. O cosmopolitismo defende a igualdade e a solidariedade dos homens. O cidadão do mundo ou o cosmopolita é uma pessoa que deseja transcender a divisão geopolítica que é inerente às cidadanias locais dos diferentes Estados e países soberanos.

O ponto central que deve ser entendido é aquele acerca do qual o conceito de cidadania vincula-se. De modo geral, enquanto que o pensamento grego conecta o conceito de cidadania (*πολίτης*) ao de *polis* (*πόλις*), o pensamento estóico acopla o conceito de cidadania ao de *cosmos* (*κόσμος*), isto é, de mundo, de universo. Ou ainda, enquanto a *polis* grega era caracterizada pelas desigualdades entre os cidadãos e os não-cidadãos, entre os homens livres e os não-livres, a *Cosmópolis* estóica permite uma nova configuração do social e do político a partir da igualdade. Enquanto que a *polis* grega desvinculou os conceitos de natureza (*φύσις*) e lei (*νόμος*), a *Cosmópolis* estóica os conectou novamente, mas em um sentido claramente diferente. Viver de acordo com a natureza (humana e universal) significa viver de acordo com o aspecto normativo e racional da razão (*λόγος*).

## Referências

COULMAS, Peter. **Weltbürger: Geschichte einer Menschheitssehnsucht**. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1990.

LAERTII, Diogenis. **Clarorum philosophorum: vitis, dogmatibus et apophthegmatibus**. Graece et latine cum indicibus. Parisiis: Editoribus Firmin-Didot ET Sociis, 1929.

LONG, A. A.. **Hellenistic Philosophy: Stoics, Epicureans, Sceptics**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1986.

LONG, A. A. The Concept of the Cosmopolitan in Greek & Roman Thought. In: **Daedalus**. Vol. 137; No. 3 (2008). pp.50-58.

SCUCCIMARRA, Luca. **I confini del mondo: storia del cosmopolitismo dall'antichità al settecento**. Bologna: Il Mulino, 2006.